Dia 3 — A Invenção da Santa Cruz

Celebra a Igreja esta festa em memória do descobrimento que fez em Jerusalém a imperatriz Helena, mãe do imperador Constantino, do sagrado troféu de nossa redenção, no ano 326, pouco tempo depois que o mesmo imperador havia derrotado o tirano Maxêncio em virtude do sinal da cruz. Ia Constantino apresentar batalha a este tirano, que o esperava com um exército de quase duzentos mil combatentes; e, conhecendo que necessitava de auxílio superior para vencê-lo, dirigiu seu coração e seus votos ao Deus dos cristãos, cujo poder não ignorava, não cessando de invocá-lo todo o tempo que durou a marcha. No meio do dia, que havia amanhecido muito despejado e sereno, viu no ar uma resplandecente cruz, mais brilhante que o próprio sol, orlada de uma inscrição com caracteres de luz, que dizia assim: *In hoc signo vinces:* vencerás em virtude deste sinal. Aquela mesma noite apareceu Cristo a Constantino com o mesmo sagrado símbolo que havia visto no céu e mandou-lhe que, fazendo-o copiar, se servisse dele nos combates. Obedeceu o imperador; e, dando ordem para que passassem a sua tenda os mais hábeis lapidários e ourives, explicou-lhes a figura da insígnia que queria que fabricassem e ordenou-lhes que a fizessem de ouro e a esmaltassem com pedras preciosas.

Deram-se pressa e concluíram logo a obra. Era uma cruz de ouro, da altura de uma lança, enriquecida com preciosíssimas pedras; na parte superior havia uma cifra ou monograma que explicava o nome de Jesus Cristo, acompanhado da primeira e da última letra do alfabeto grego, para significar que Cristo é princípio e fim de todas as coisas. Do travessão da cruz pendia uma pequena bandeira quadrada, de uma riquíssima tela de púrpura, bordada de ouro e carregada de pedras preciosas: acima da bandeira e abaixo da cifra estavam bordados com fio de ouro os bustos do imperador e de seus filhos. A este novo estandarte deu-se o nome de Lábaro, e levavam-no diante do próprio imperador os oficiais mais valentes e mais piedosos de suas guardas. Mandou Constantino que se fizessem outros muitos semelhantes, repartindo um a cada legião de suas tropas; e, fazendo esculpir em seu morrião uma cruz de ouro com o monograma do Salvador do mundo, ordenou que se esculpisse também nos broquéis de todos os seus soldados. Depois fez vir à sua presença alguns bispos e, havendo-se instruído nos princípios de nossa religião, resolveu não permitir outra em toda a extensão de seu império.

Entretanto saiu Maxêncio de Roma com seu formidável exército, em número de mais de cento e oitenta mil combatentes. Constantino, cheio de confiança na cruz de Jesus Cristo, derrotou suas tropas; o tirano afogou-se no Tibre; jamais se viu no mundo vitória mais completa. Abriu Roma suas portas ao vencedor, o qual, para atestar que devia a vitória à virtude da santa cruz, mandou levantar uma estátua sua na mesma cidade, com o troféu de nossa redenção na mão e com uma inscrição que acreditava sua fé e seu reconhecimento.

Depois de haver derrotado também Licínio, imperador do Oriente, vendo-se Constantino único e absoluto senhor dos dois impérios, aplicou todos os seus desvelos a que florescesse neles a religião verdadeira, destruindo as miseráveis relíquias do paganismo.

Haviam feito todo o possível os gentios para profanar os santos lugares de Jerusalém, e especialmente para que não ficasse memória da triunfante ressurreição de nosso Salvador. Com este fim haviam aterrado a gruta do santo sepulcro e até levantado o piso, e em cima haviam construído um templo de Vênus, onde ofereciam a esta suja deidade os mais abomináveis sacrifícios; meio eficacíssimo para que jamais se deixassem ver naquele lugar os cristãos. Deu ordem Constantino para que se demolisse aquele infame monumento da impiedade e para que ali mesmo se edificasse um templo tão magnífico que excedesse os mais soberbos edifícios de outras cidades. Escrevendo sobre este assunto a Macário, bispo de Jerusalém, dizia-lhe estas palavras: «Dei ordem a Draciliano, vigário dos prefeitos do pretório e governador da província, para que, conformando-se a tuas ordens, empregue os obreiros necessários para levantar as paredes. Avisa-me que mármores preciosos, quantas e que espécie de colunas te parece que hão de colocar-se, para dar providência de que se te enviem. Também me alegrarei de saber se tens por conveniente que a abóbada se adorne com algum artesoado, ou que adorno te parece que se ponha; e, em caso de escolher o artesoado, poderia cobrir-se de ouro.»

Santa Helena, mãe do imperador, quis tomar a seu cargo o cuidado desta grande obra. Era então da idade de oitenta anos e havia muito que só se empregava em obras de caridade, em exercícios de devoção e em tudo o que podia contribuir para a maior glória da religião e da Igreja. O imperador a havia feito declarar Augusta, querendo que fosse reconhecida por imperatriz e dando-lhe faculdade para que dispusesse a seu arbítrio de suas rendas e tesouro imperial. Era esta princesa inimiga de todo fausto e vestia-se com simplicidade; mas ao mesmo tempo era tão generosa em tudo o que tocava ao culto divino que não poupava os maiores gastos para enriquecer e adornar até os menores oratórios das menores povoações.

Em meio de sua grande ancianidade, passou a Jerusalém a piedosa imperatriz. Subindo ao monte Gólgota, abrasada no desejo de encontrar a cruz do Salvador, venceu todas as dificuldades que podiam acovardá-la e até fazê-la desistir da empresa. Eram verdadeiramente grandes, porque, como diz Sozômeno, os gentios, em ódio ao nome cristão, haviam feito todo o possível para apagar até a memória do santo sepulcro. Além de o haverem coberto de terra e de pedras, tanto que se havia elevado consideravelmente o terreno antigo, haviam edificado nele um templo à deusa Vênus, como se disse, e no mesmo sítio onde estava o sepulcro haviam colocado a estátua de Júpiter.

Deu princípio à obra mandando demolir o templo e o ídolo; fez tirar toda a terra e, guiando-se pela tradição antiga, fez cavar tão fundo que por fim se descobriu o santo sepulcro e junto a ele três cruzes do mesmo tamanho e da mesma figura, sem que se pudesse distinguir qual era a do Salvador; porque o título que Pilatos havia mandado pôr sobre ela, *Jesus nazareno, rei dos judeus*, estava separado e no meio das três cruzes; e, ainda que esta parecia bastante prova de que uma das três era a que se buscava, não foi possível saber a ponto fixo qual era.

Vendo-se a santa imperatriz neste embaraço, consultou São Macário sobre o que se devia fazer; e o santo bispo foi de parecer que se aplicassem todas as três cruzes a algum enfermo, não duvidando que Deus declararia com algum milagre qual delas era a verdadeira cruz do Salvador. Aprovou-se este expediente e, havendo-se aplicado as duas a uma senhora de distinção que estava agonizando, não se viu efeito algum; mas apenas se lhe aplicou a terceira, ficou repentinamente sã, em presença de um inumerável gentio que foi testemunha desta maravilha. Ainda se fez depois outra prova. Estenderam-se sobre as três cruzes três cadáveres, e somente ressuscitou o que se estendeu sobre aquela cujo contato havia curado a enferma agonizante; com esta experiência começou-se desde logo a render ao troféu de nossa redenção o culto que se lhe devia.

Mandou a piedosa imperatriz que se edificasse uma suntuosa igreja no mesmo sítio onde se havia achado a santa cruz; e, deixando nela a metade do sagrado madeiro ricamente engastado, levou a outra metade a seu filho Constantino, que a recebeu com singular veneração. Persuadido este imperador de que não podia enriquecer sua nova cidade de Constantinopla com joia mais estimável, ordenou que se embutisse uma considerável porção dela na própria estátua sua que se deixava ver no meio da praça, colocada sobre uma magnífica coluna de pórfiro, com uma maçã de ouro na mão direita e com esta inscrição no pedestal: *Cristo, meu Deus, eu te encomendo esta cidade.* O restante da sagrada cruz foi enviado a Roma pelo mesmo imperador e colocado na suntuosa igreja que mandou edificar expressamente com o título de Santa Cruz de Jerusalém.

São Cirilo, bispo desta cidade vinte anos depois de São Macário, testifica que em pouco tempo se encheu o mundo de fragmentos ou relíquias da parte da cruz que ficou em Jerusalém; porque tanto ele como seus predecessores desde São Macário presenteavam partículas delas aos peregrinos de distinção que concorriam à dita santa cidade com o piedoso fim de ver e adorar o instrumento de nossa redenção. E acrescenta o mesmo padre, como testemunha ocular, que nem por isso diminuía o pedaço do sagrado lenho que estava em Jerusalém; antes se repetia nele aquele milagre dos cinco pães, que, repartidos entre a multidão, não só não decresciam, mas se multiplicavam.

São Paulino, que florescia por volta do ano 400, diz que a milagrosa virtude com que aquele lenho morto se reproduzia como se estivesse vivo era efeito do contato daquela carne divina que, tendo padecido morte no mesmo madeiro, venceu a morte com sua gloriosa ressurreição: *Crux in materia insensata, vim vivam tenens, ita ex illo tempore innumeris pene hominum votis lignum suum commodavit, ut detrimenta non sentiret, et quasi intacta permaneret quotidie dividuam sumentibus, et semper totam venerantibus: sed istam imperibilem virtutem, et indelebilem soliditatem, de illius carnis sanguine bibit, quæ passa mortem, non vidit corruptionem.* «A cruz, num material insensível, tendo força viva, desde aquele tempo emprestou assim seu lenho aos votos de inúmeros homens, de modo que não sentia detrimento e permanecia como intacta, dividida cada dia para os que a tomam e sempre inteira para os que a veneram; mas esta virtude imperecível e esta solidez indelével bebeu-as do sangue daquela carne que, tendo padecido a morte, não viu a corrupção.» Assim fala São Paulino deste milagre da santa Cruz em sua epístola 11 a Severo.

Sendo costume dos judeus enterrar os justiçados com todos os instrumentos de seu suplício, além do título acharam-se também os cravos e provavelmente a coroa de espinhos, a qual, no tempo de Gregório de Tours, que viveu no século VI, conservava-se ainda tão verde que parecia reverdecer todos os dias. Ignora-se o que fez Santa Helena do título da cruz; mas dos cravos fez toda a estima que merecia tão preciosa relíquia. Asseguram Santo Ambrósio, São Gregório Nazianzeno, Nicéforo e Zonaras que Santa Helena só encontrou três cravos; os quais facilmente se distinguiram dos outros, porque estes estavam todos roídos e cobertos de ferrugem, mas os do Salvador conservavam-se milagrosamente inteiros, lustrosos e limpos como se acabassem de sair da bigorna. Um deles mandou a imperatriz que se engastasse no freio do cavalo que servia a Constantino; outro, diz Santo Ambrósio, fê-lo engastar na própria diadema imperial; e o terceiro lançou-o ao mar Adriático para sossegar uma furiosa tempestade. Diz-se que nem por isso se perdeu este cravo; antes veio nadando sobre a água como em outro tempo o machado do profeta Eliseu; e que, apreciando-o mais que os outros Santa Helena por este milagre, presenteou-o à igreja de Tréveris, sendo seu arcebispo Santo Agrício, a quem a imperatriz professava singular veneração. Pouco depois fez presente à igreja de São João de Latrão do que havia colocado na diadema do imperador; e finalmente presenteou à de Milão o que havia servido de freio ao cavalo deste príncipe.

Sendo tão gloriosa a toda a Igreja a invenção deste sagrado troféu, celebrou-se nela sua festa com muita solenidade. E celebrava-se na França na primeira linhagem de seus reis, encontrando-se seu ofício nos antigos missais da liturgia galicana. O rei Ervígio, que reinava na Espanha no século VII, expediu um decreto que se acha no código das leis dos visigodos, pelo qual manda aos judeus estabelecidos em seus domínios que celebrem a festa da Invenção da santa Cruz, como a da Anunciação, Natividade, Epifania, Circuncisão, Páscoa e Ascensão.

O fim de haver assinalado o dia três de maio para celebrar esta festa foi aproximá-la o mais possível da memória da paixão do Salvador e da adoração da cruz que se faz na Sexta-feira Santa: por isso se assinalou o primeiro dia livre depois da solenidade da Páscoa, que nunca pode passar do dia dois de maio.

Conservam-se e adoram-se em muitas igrejas partes muito consideráveis da verdadeira cruz. Além da que se adora em Roma, há outras na França, Itália, Alemanha, Espanha e Portugal. Justino, segundo imperador de Constantinopla, enviou uma porção delas a Santa Radegunda, esposa de Clotário I, que enriqueceu com ela seu real mosteiro de Santa Cruz de Poitiers; por cuja ocasião Fortunato, que seguia a corte da santa rainha e foi depois bispo da dita cidade, compôs os dois célebres hinos de que ainda usa a Igreja no ofício da paixão e da cruz, que começam: *Vexilla Regis prodeunt* e *Pange lingua gloriosi lauream certaminis.* São Gregório enviou uma parte da verdadeira cruz a Recaredo, rei dos godos na Espanha, como riquíssimo presente. São Luís obteve dos venezianos a porção de cruz que havia ficado em Constantinopla e fê-la trasladar à França no ano de 1241 [^1], colocando-a na santa capela que edificou em 1242, juntamente com a coroa de espinhos que dois anos antes lhe haviam presenteado os mesmos venezianos.

Apêndice do tradutor

«Neste colégio e noviciado de Villagarcía de Campos, onde isto se escreve, venera-se um *lignum crucis* de cerca de uma polegada de comprimento e meia de grossura, que o santo papa Pio V presenteou ao senhor dom João de Áustria depois da famosa batalha de Lepanto; e sua Alteza o apresentou à excelentíssima senhora dona Madalena de Ulloa, nossa insigne fundadora, que havia criado o senhor dom João nesta vila.»

Martirológio Romano

Em Jerusalém, a Invenção da santa Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, no tempo do imperador Constantino.

Em Roma, na via Nomentana, o martírio do papa Santo Alexandre e dos santos presbíteros Evêncio e Teódulo. A Santo Alexandre, depois que no tempo do imperador Adriano e do juiz Aureliano sofreu o cárcere, as cadeias, o potro, as unhas de ferro e o fogo, furaram-lhe todo o corpo com punções de ferro até tirar-lhe a vida. Evêncio e Teódulo, depois de haverem estado muito tempo num calabouço, foram provados pelo fogo e por último lhes cortaram a cabeça.

Em Narni, São Juvenal, bispo e confessor.

Em Constantinopla, São Alexandre, soldado, e Santa Antonina, virgem, martirizados na perseguição de Maximiano sob o presidente Festo. Antonina havia sido condenada primeiramente a ser prostituída num lugar infame, de onde a tirou ocultamente Alexandre, tomando seus vestidos e ficando em seu lugar. Descoberta esta piedosa fraude, puseram-se os dois à tortura, cortaram-se-lhes as mãos e foram lançados juntos numa fogueira, onde, havendo morrido por Jesus Cristo, receberam a coroa da glória.

Na Tebaida, São Timóteo e Santa Maura, sua consorte, os quais, por ordem de Ariano, governador da província, depois de muitos tormentos, foram postos em cruzes, nas quais viveram nove dias fortalecendo-se um ao outro na fé e por último consumaram seu martírio.

Em Afrodisíade, na Cária, os santos mártires Diodoro e Rodopiano, apedrejados pelos de sua própria cidade na perseguição de Diocleciano.

No monte Senário, perto de Florença, os bem-aventurados Sostenes e Uguccione, confessores, os quais, havendo recebido um aviso do céu, morreram no mesmo dia e na mesma hora, rezando a Saudação Angélica.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa Cruz, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui in præclara salutiferæ crucis inventione passionis tuæ miracula suscitasti: concede, ut vitalis ligni pretio, æternæ vitæ suffragia consequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que na invenção da salutífera cruz renovastes os milagres de vossa paixão, concedei-nos que, pelo valor do vital madeiro, consigamos auxílios eficazes para alcançar a vida eterna. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 2 do apóstolo São Paulo aos Filipenses.

Filipenses 2,5-11

> **Latim:** 5 Hoc enim sentite in vobis, quod et in Christo Jesu : 6 qui cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo : 7 sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo. 8 Humiliavit semetipsum factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis. 9 Propter quod et Deus exaltavit illum, et donavit illi nomen, quod est super omne nomen : 10 ut in nomine Jesu omne genu flectatur cælestium, terrestrium et infernorum, 11 et omnis lingua confiteatur, quia Dominus Jesus Christus in gloria est Dei Patris.

Português: 5 E haja entre vós o mesmo sentimento, que houve tambem em Jesu Christo: 6 o qual tendo a natureza de Deos, não julgou que fosse nelle huma usurpação o ser igual a Deos: 7 mas elle se anniquilou a si mesmo, tomando a natureza de servo, fazendo-se semelhante aos homens, e sendo reconhecido na condição como homem. 8 Humilhou-se a si mesmo feito obediente até á morte de cruz. 9 Pelo que Deos tambem o exaltou, e lhe deo hum nome que he sobre todo o nome: 10 para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos ceos, na terra, e nos infernos, 11 e toda a lingua confesse, que o Senhor Jesu Christo está na gloria de Deos Padre.

Nota

«Os cristãos de Filipos, na Macedônia, que em muitas ocasiões haviam dado a São Paulo provas práticas do amor que lhe tinham, dobraram sua caritativa liberalidade quando souberam que estava preso em Roma pela fé de Jesus Cristo; e com este motivo escreveu-lhes o Apóstolo esta admirável epístola no ano de 62.»

Reflexões

Nenhuma coisa deve humilhar-nos tanto como nossa própria vaidade. Julga-se um superior a outro, ensoberbece-se, estima-se acima dos demais, porque encontra o nome de sua família em pergaminhos velhos ou porque teve um bisavô que foi homem de mérito; embriaga-se, por assim dizer, com o alto conceito de si mesmo, quer ser distinguido, pretende que todo o mundo lhe dobre o joelho; e por quê? Porque ocupa um emprego que o eleva sobre seus iguais; porque comprou uma terra que leva anexo algum título; porque anda um pouco melhor vestido que os outros. Quando se sobe à verdadeira origem de nosso orgulho, diga-se a verdade, pode haver maior motivo para humilhar-nos? E, se fosse menos comum esta enfermidade, dar-se-lhe-ia outro nome que loucura? Oh, pobreza do coração! Oh, apoucamento do espírito humano! Poucos há que queiram estar ao nível de seus iguais; mas são muito menos aqueles a quem não se vai a cabeça sempre que se veem um grauzinho mais acima. Isto dita a simples razão natural: mas que reflexões, que máximas inspira nossa religião a respeito do orgulho?

Envergonhar-se da obscuridade de seu nascimento, fugir da humilhação e do menosprezo como de um grande mal, não suspirar por outra coisa que por honras e por empregos, gostar unicamente da distinção e da singularidade, querer sobressair em tudo, aspirar com ambição ao fausto e aos primeiros cargos; e tudo isto à vista de um Deus que se aniquilou a si mesmo, que tomou a figura de servo, que se humilhou e se abateu até morrer, e morrer numa cruz! E ensoberbecer-se, envaidecer-se os que adoram a um Deus humilhado desta maneira! A vaidade, o amor da glória e a ambição são a paixão dominante da maior parte dos cristãos. Aquela mulher mundana, cujo fausto e cuja vaidade seriam repreensíveis até em meio do gentilismo, e que fabrica um ídolo de sua aparente formosura, prostra-se diante de uma cruz, adora a Jesus Cristo humilhado e pretende não ter outra religião que a deste Senhor. Aquele homem, cuja ambição não reconhece limites, chama-se discípulo de Cristo, quer morrer com um crucifixo nas mãos, crê os mistérios de sua religião e faz profissão de seguir sua doutrina. Quantas coisas passam no mundo por extravagâncias que não são tão opostas à razão como esta conduta! E à vista de tudo isto, admiramo-nos de que o erro faça tantos progressos! A heresia é filha do orgulho; a fé cria-se com a humildade; nestas almas orgulhosas sempre está a religião débil, fraca, desmaiada e quase morta. Que o erro esteja no entendimento ou que esteja na vontade; que se desacerte no que se crê ou no que se obra, importa pouco, nem é um por isso menos digno de compaixão.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 3 de São João.

João 3,1-15

> **Latim:** [1] Erat autem homo ex pharisæis, Nicodemus nomine, princeps Judæorum. [2] Hic venit ad Jesum nocte, et dixit ei : Rabbi, scimus quia a Deo venisti magister, nemo enim potest hæc signa facere, quæ tu facis, nisi fuerit Deus cum eo. [3] Respondit Jesus, et dixit ei : Amen, amen dico tibi, nisi quis renatus fuerit denuo, non potest videre regnum Dei. [4] Dicit ad eum Nicodemus : Quomodo potest homo nasci, cum sit senex ? numquid potest in ventrem matris suæ iterato introire et renasci ? [5] Respondit Jesus : Amen, amen dico tibi, nisi quis renatus fuerit ex aqua, et Spiritu Sancto, non potest introire in regnum Dei. [6] Quod natum est ex carne, caro est : et quod natum est ex spiritu, spiritus est. [7] Non mireris quia dixi tibi : oportet vos nasci denuo. [8] Spiritus ubi vult spirat, et vocem ejus audis, sed nescis unde veniat, aut quo vadat : sic est omnis qui natus est ex spiritu. [9] Respondit Nicodemus, et dixit ei : Quomodo possunt hæc fieri ? [10] Respondit Jesus, et dixit ei : Tu es magister in Israël, et hæc ignoras ? [11] Amen, amen dico tibi, quia quod scimus loquimur, et quod vidimus testamur, et testimonium nostrum non accipitis. [12] Si terrena dixi vobis, et non creditis : quomodo, si dixero vobis cælestia, credetis ? [13] Et nemo ascendit in cælum, nisi qui descendit de cælo, Filius hominis, qui est in cælo. [14] Et sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto, ita exaltari oportet Filium hominis : [15] ut omnis qui credit in ipsum, non pereat, sed habeat vitam æternam.

Português: [1] E HAVIA hum homem d'entre os Fariseos, por nome Nicodemos, senhor entre os Judeos. [2] Este huma noite veio buscar a Jesus, e disse-lhe: Rabbi, sabemos que és Mestre, vindo da parte de Deos, porque ninguem pôde fazer estes milagres, que tu fazes, se Deos não estiver com elle. [3] Jesus respondeo, e lhe disse: Na verdade, na verdade te digo, que não póde ver o reino de Deos, senão aquelle que renascer de novo. [4] Nicodemos lhe disse: Como pôde hum homem nascer, sendo velho? por ventura pôde tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer outra vez? [5] Respondeo-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo, que quem não renascer da agua, e do Espirito Santo, não póde entrar no reino de Deos. [6] O que he nascido da carne, he carne: e o que he nascido do espírito, he espírito. [7] Não te maravilhes de eu te dizer: Importa-vos nascer outra vez. [8] O espírito assopra onde quer: e tu ouves a sua voz, mas não sabes donde elle vem, nem para onde vai: assim he todo aquelle, que he nascido do espírito. [9] Perguntou Nicodemos, e disse-lhe: Como se pôde isto fazer? [10] Respondeo Jesus, e disse-lhe: Tu és mestre em Israel, e não sabes estas cousas? [11] Em verdade, em verdade te digo, que nós dizemos o que sabemos, e que damos testemunho do que vimos, e vós com tudo isso não recebeis o nosso testemunho. [12] Se quando eu vos tenho fallado nas cousas terrenas, ainda assim vós me não credes: como me crereis vós, se eu vos fallar nas celestiaes? [13] Também ninguem subio ao ceo, senão aquelle, que desceo do ceo, a saber, o Filho do homem, que está no ceo. [14] E como Moysés no deserto levantou a serpente: assim importa que seja levantado o Filho do homem: [15] para que todo o que crê nelle, não pereça, mas tenha a vida eterna.

Meditação

Do mérito dos trabalhos

Primeiro ponto

Considera que as cruzes, os trabalhos, as adversidades são verdadeiros remédios; e não são menos salutares os que parecem mais amargos. Como em matéria de saúde não se deve consultar o gosto, assim em matéria de salvação nunca se deve atender aos sentidos.

Desde que Cristo santificou a cruz, preferindo-a a tudo o mais; desde que a enobreceu, escolhendo-a por trono seu; desde que mereceu ser o principal instrumento de nossa redenção, tem sido a cruz objeto das ânsias de todos os santos. Não só é o adorno mais precioso da coroa dos príncipes e o principal ornamento dos altares; é também o terror do inferno, é o contraveneno das paixões, é, por assim dizer, a árvore da vida. O mesmo, em proporção, se pode dizer das cruzes, das enfermidades, das desgraças e dos trabalhos. São estes amaríssimos à natureza, não o nego; mas esta amargura é medicinal, é origem de mil requintadas doçuras.

Não se hão de atribuir a causas estranhas nossos dissabores e nossas inquietações; todos os nossos desgostos, todas as nossas desgraças nascem dentro de nós mesmos. Nossas paixões são nossos tiranos; elas sozinhas turbam nosso repouso, fazem pouco tranquilos e pouco serenos nossos dias, fatigam nosso entendimento e nosso coração; e não obstante deixamo-nos enganar sempre por elas. Sobretudo, o orgulho e o amor aos deleites são os dois grandes móveis de todos os desgostos da vida. Mas quem não sabe que o primeiro fruto, por assim dizer, da cruz é humilhar o espírito e domar o amor-próprio? A ambição mais desmedida e o orgulho mais atrevido se estrelam sempre contra esta rocha; a sensualidade não encontra com que alimentar-se no país dos trabalhos; as cruzes humilham. As alturas, os postos elevados causam vertigens aos que nelas se encontram; toda prosperidade é grande tentação. Mas quando as adversidades nos fazem baixar dessas elevações perigosas; quando se vê um ao nível daqueles mesmos a quem olhava debaixo de si; quando uma desgraça afasta de nosso lado toda essa caterva de cortesãos e de aduladores; quando uma enfermidade apaga do semblante essas belas feições, essas vivas cores, esse desembaraço, essa galhardia, e desterra de todas as reuniões; quando uma grande perda, uma quebra no comércio, uma desgraça inopinada volta a cobrir-nos do pó que pouco antes havíamos sacudido; quando tudo nos sai mal, então nos humilhamos; a modéstia e a afabilidade voltam a ocupar o lugar do orgulho, da fereza e da arrogância; então custa pouco a conversão com ajuda da graça. Não há coisa que mais nos aproxime da razão e da devoção que as adversidades. A prosperidade embriaga; as cruzes restituem a razão e a fé à posse de seus direitos.

Ó meu Deus, e quão pouco se conhece o mérito das cruzes! Elas são tesouros escondidos, é verdade; mas quem conhece quanto vale o fruto que produzem? Detêm-se os homens somente na casca, que é grosseira; mas ignoram o valor do divino fruto que levam. Ah, Senhor, pois vós mesmo nos ensinastes quão preciosas são as cruzes, quando há de chegar o dia em que eu comece a estimá-las como merecem?

Segundo ponto

Considera que basta fazer reflexão sobre o modo com que o Salvador fala das cruzes para conhecer seu valor, seu mérito e sua necessidade. «Quem não leva minha cruz, diz, e não me segue, não pode ser meu discípulo. Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados. O mundo se alegrará; os mundanos se divertirão; serão chamados os ditosos do século e na realidade serão os mais desgraçados e os mais dignos de compaixão: não lhes tenhais inveja. Vossa herança serão as cruzes e os trabalhos; comereis sempre o pão misturado com lágrimas; as calúnias, as perseguições e toda sorte de adversidades vos seguirão a qualquer parte aonde vades; em todas tereis que padecer; sereis menosprezados, sereis tidos pelo refugo, pela escória do mundo; e tudo porque sois meus favorecidos, meus herdeiros, os queridos de meu Pai.» Agora pergunto: que vantagem se pode seguir ao mesmo Cristo de ver-nos padecer, amando-nos tão ternamente como nos ama? Por que razão quererá que as cruzes e os trabalhos sejam nossa legítima e nossa herança? Este é o mistério que não compreendem os mundanos, os homens terrenos e carnais; mas entendem-no sem dificuldade os homens espirituais, os verdadeiros fiéis, os santos. Depois do pecado de nosso primeiro pai, as penas e os trabalhos foram a herança que nos deixou; mas esta herança não levava mais que espinhos e abrolhos. Pagou o Salvador nossas dívidas e melhorou nossa sorte. Deixou-nos, como pai, sua herança, a qual não é já uma terra estéril que, regada com lágrimas, não produz mais que espinhos; é a árvore da cruz, regada com seu sangue e convertida em árvore de vida; seu fruto é pouco grato aos olhos, mas é de um gosto requintado: *Gustate et videte,* diz-nos pelo Profeta. Não vos governeis pelos sentidos; as aparências retraem, desviam, espantam; *gustate,* provai; porque, quando se faz a experiência da doçura que se sente em padecer por Deus; quando se começa a provar que consolo é viver cristãmente, ter uma vida pobre, humilde, obscura, numa palavra, parecida com a do mesmo Cristo; então sim, se palpa a verdade daquele oráculo: *Si quid patimini propter justitiam, beati:* se padeceis algo por amor de Deus em satisfação de vossas culpas e por serdes discípulos de Cristo, *beati:* oh, que ditosos, oh, que bem-aventurados sois! É certo que o mundo não conhece esta ventura, antes a tem por quimérica, porque está todo ele sepultado na grosseria dos sentidos; mas Deus faz juízo muito distinto dos trabalhos. *Oportuit pati Christum, et ita intrare in gloriam suam:* foi necessário que Cristo padecesse e que assim entrasse em sua glória. *Oportuit,* foi necessário; pois que homem poderá eximir-se de padecer para salvar-se? *Et ita intrare in gloriam suam;* e que assim entrasse em sua glória: *et ita:* assim, e não de outra maneira; pois que homem haverá tão insensato que pense poder entrar no céu a outro título e por outro caminho?

Ó meu Deus, e que diferente juízo se faria das aflições e das adversidades desta vida, se se conhecesse bem seu mérito, sua virtude e seu valor! Sem dúvida, para fazer-nos formar um alto conceito do que vale a santa cruz, dispõe nossa religião que em tudo a tenhamos à vista. A cruz é a primeira coisa que nos ensina a formar o catecismo, encarregando-nos de dar princípio com ela a todas as nossas ações; a cruz é a que se coloca nos altares; e a cruz é também a que se põe até na própria coroa dos príncipes. Não permitais, divino Salvador meu, que ignore eu por mais tempo quanto valem as adversidades e os trabalhos, simbolizados em vossa sagrada cruz; e, pois ela vos serviu de instrumento para salvar-me, fazei que as cruzes e as adversidades me sirvam desde hoje em diante de meio para conseguir minha salvação.

Jaculatórias

> *Mihi absit gloriari nisi in cruce Domini nostri Jesu Christi.* Gl 6.

Não permita Deus que eu me glorie em outra coisa que na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.

> *Virga tua, et baculus tuus, ipsa me consolata sunt.* Sl 22.

Nunca tenho, Senhor, maior consolo que quando me afligis, corrigis e castigais.

Propósitos

1. O valor das cruzes não nasce de sua escassez, porque não há coisa mais abundante em todos os estados e em todas as condições. É bem estranho que a abundância não nos tenha ensinado a aproveitar-nos delas; a desgraça é que não conhecemos a virtude deste excelente remédio para curar as paixões. Quanto perdeste até aqui por não teres sabido aproveitar-te dos trabalhos, infortúnios e desgraças desta vida! Conhece já o que valem; dentro de ti mesmo tens com que enriquecer-te; acaba de persuadir-te de que não há outro verdadeiro mal senão o pecado; tudo o mais que se chama desgraças, reveses, infortúnios, calamidades, trabalhos, olha-o desde hoje em diante com olhos verdadeiramente cristãos; estima-o no que vale; fala dele como de um inestimável presente que Deus te faz, como de um insigne favor que recebes do céu. Tem por certo que essas cruzes eram muito necessárias para ti, que sem elas corria perigo tua salvação, e que na hora da morte e por toda a eternidade considerarás aquela aflição, aquela perda de fazenda, aquela enfermidade, aquele infortúnio como uma graça da qual estava pendente tua predestinação.

Fica persuadido de que o tempo de prosperidade não é o mais feliz, não é o mais ditoso de tua vida. Não te pode tratar Deus com mais carinho que tratando-te como tratou a seu unigênito Filho e como tratou a todos os santos: não é esta uma prática de devoção arbitrária, é uma das mais importantes práticas de nossa religião.

2. Não há coisa mais comum nem mais salutar entre os cristãos que fazer o sinal da cruz; mas ao mesmo tempo tampouco há coisa que se faça com menos fruto, porque nenhuma há que se faça com menos devoção e com menos respeito. Os apóstolos, ensinados por Jesus Cristo, instituíram este adorável sinal para instruir-nos nos mistérios e princípios da fé e para dar a todos um público testemunho do que cremos. É o sinal da cruz como uma abreviada profissão de nossa fé; e é também contrassenha com que imploramos a assistência e a bênção de Deus pelos méritos de Cristo, que padeceu e morreu nela. Faze sempre, a exemplo dos primeiros cristãos, o sinal da cruz quando começas a orar, quando dás princípio a alguma obra e sobretudo quando te assalta alguma tentação ou te achas em algum perigo. Sempre se usou este divino sinal em todas as igrejas e pelos cristãos de todos os séculos; usa-o tu frequentemente e sempre com fé, com respeito e com espírito de religião. Não imites a tantos que parece fazerem irrisão dela quando aparentam benzer-

se. Um ou dois garranchos no ar diante da fronte ou do peito são todas as cruzes que fazem quando se persignam; parece que se envergonham do Evangelho, não se dignando levar a mão à fronte; o sinal da cruz não é neles um sinal de religião, mas um sinal de indevoção. Corrige em ti um defeito tão irreligioso e tão comum e tem cuidado de formar sempre o sinal da santa cruz com devoção e com reverência; olha que é muito importante este aviso.

[^1]: O OCR traz «1211», data impossível (São Luís nasceu em 1214); pelo contexto (a Santa Capela edificada em 1242 e a coroa de espinhos recebida «dois anos antes») trata-se de 1241.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:46 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:46 by Admin